

NÔ PINTCHA

* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO *

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AV. DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFS.: 3713/3726/3728 — BISSAU

Guiné - Bissau - Portugal:

Continua o impasse

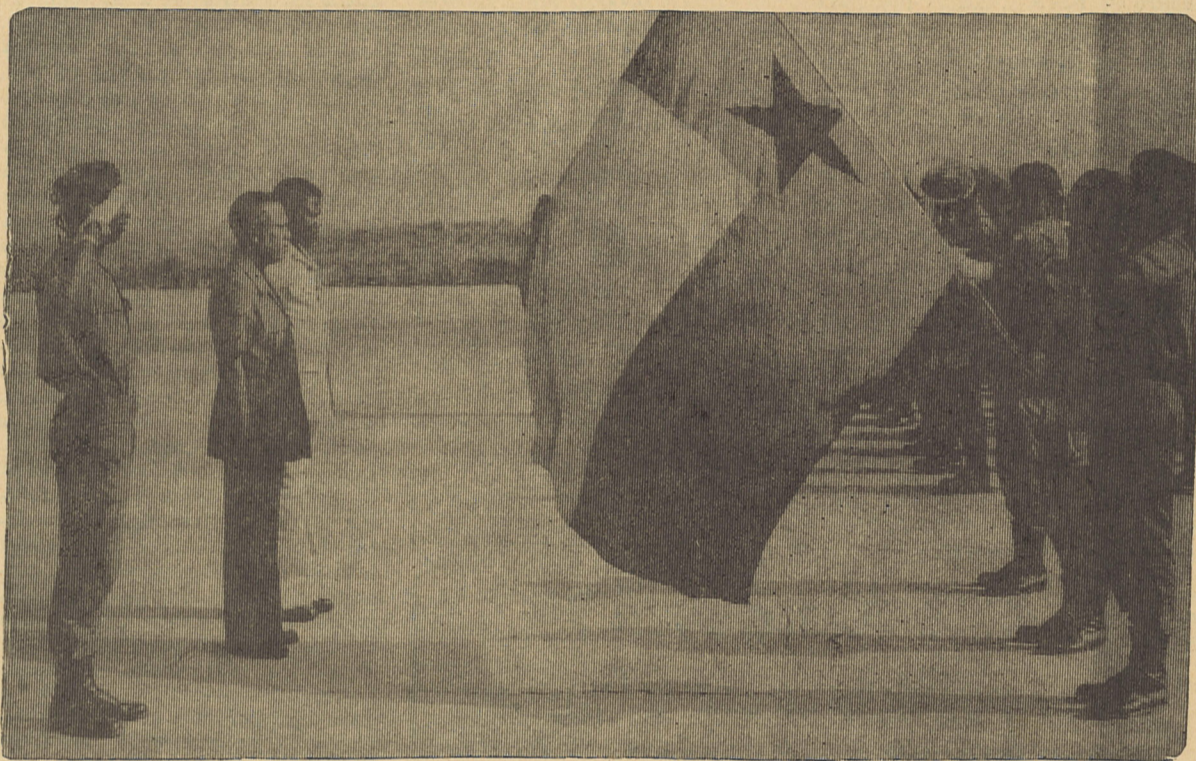
O impasse continua, entre a Guiné-Bissau e Portugal, quanto à resolução dos problemas pendentes. As conversações entre delegações dos dois países, que decorreram ontem e anteontem em Bissau não adiantaram nada, em relação ao resultado das quatro anteriores fases de conversações.

A delegação governamental portuguesa, que chegara a Bissau na terça-feira passada, conduzida pelo comandante Gomes Mota, Secretário de Estado da Cooperação, deixa hoje o país, sem que tenham ficado marcadas quaisquer datas para ulteriores encontros.

O camarada Vasco Cabral, membro do Comité Executivo da Luta do P.A.I.G.C. e Comissário de Estado do Desenvolvimento Económico e Planificação, que dirigiu a delegação guineense às conversações, sublinhou à nossa reportagem, a noite passada, que «a vinda da delegação portuguesa não trouxe nenhuma contribuição para a solução dos problemas».

Depois de ter revelado que não seria distribuído qualquer comunicado conjunto, o camarada Vasco Cabral acentuou que o nosso Governo «vai tomar medidas adequadas para resolver pelos próprios meios, as questões pendentes. Decidimos também dispensar, para o futuro, a colaboração de controladores de tráfego aéreo portugueses».

(Continua na Pág.ª 3)



Presidente Luiz Cabral em visita à Gâmbia: Contribuição para a unidade entre os países africanos

O camarada Luiz Cabral, Presidente do Conselho de Estado, partiu ontem para Banjul, a fim de iniciar uma viagem oficial de três dias à Gâmbia, em retribuição das duas visitas que o Presidente gambiano, Dawda Jawara, fizera já ao nosso país.

«A visita enquadra-se no nosso desejo profundo de manter as melhores relações de amizade com os povos e Governos da nossa sub-região em África, no interesse do nosso povo e no interesse da unidade africana», declarou-nos o camarada Presidente, no aeroporto de Bissau.

lanca, momentos antes de tomar lugar no avião dos TAGB que o conduziria a Banjul.

O camarada Luiz Cabral, que viaja acompanhado da sua esposa, camarada Lucette Cabral, dirige uma comitiva em que se integram os camaradas João Bernardo Vieira (Nino), membro do Secretariado Permanente do CEL e Comissário de Estado das Forças Armadas, Vítor Saúde Maria, membro do CEL e Comissário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Samba Lamine Mané, Comissário de Estado da Agricultura, Lay Seck, Presidente do Comité de Estado da Região do Gabú, Flávio Proença, Embaixador em Banjul, Fodé Mai Turé, deputado à Assembleia Nacional Popular, membros da Casa Militar e Civil da Presidência, do Protocolo, da Informação e um grupo de 10 artistas do Gabú, num total de 26 pessoas.

Conforme se sabe, o nosso país tem relações culturais profundas com a Gâmbia, sobretudo através dos nossos compatriotas da etnia fula e mandinga que, ou têm parentes na Gâmbia e vivem na Guiné-Bissau, ou emigraram para a Gâmbia. O próprio Presidente Dawda Jawara é descendente de mandingas nascidos no Gabú, conforme declarou, na primeira vez que visitou o nosso país.

O Presidente Luiz Cabral, ao iniciar a viagem, acentuou estes aspectos das relações culturais existentes entre a Gâmbia e a Guiné-Bissau e anunciou iniciativas futuras de carácter econó-

mico. Disse-nos:

«Espero assinar alguns acordos de cooperação, que nos irão servir de base a futuras trocas comerciais. Essas trocas já começaram, com algumas exportações que fizemos para a Gâmbia mas queremos intensificá-las. Nós e a Gâmbia somos membros da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental, fundada em Lagos, no ano passado. Este ano devem realizar-se mais reuniões no sentido de procurar protocolos necessários para fazer avançar a unidade africana. Pensamos que toda a cooperação que pudermos intensificar com os países vizinhos e, por isso, com a Gâmbia, será uma contribuição para a unidade nesta sub-região da África Ocidental».

EM BANJUL

«A presença da nossa delegação na República irmã da Gâmbia, tal como a vossa presença amiga na terra livre da Guiné-Bissau há somente sete meses, constitui uma vitória comum dos nossos dois povos amigos que, depois de séculos de colonização estrangeira, retomaram nas mãos os seus próprios destinos, e podem hoje transformar os laços indissolúveis de parentesco e de história que os unem em relações entre Estados soberanos». Com estas palavras, dirigidas ao Presidente Dawda Jawara, da Gâmbia, exprimiu o camarada Luiz Cabral, presidente do Conselho de Estado, o significado da

(Continua na Pág.ª 3)

O PAÍS

Um comentário enviado pelos Serviços de Saúde, sobre prevenção sanitária — a propósito de uma recente campanha anti-poliomielítica em Bissau — é publicado na nossa edição de hoje (pág. 2). Além das habituais secções de inquérito à opinião pública (pág. 2) e de Educação (pág. 6), chamamos a atenção dos leitores amigos para uma entrevista com o camarada Inácio Semedo Jr., sobre cooperação, a qual inserimos nas páginas centrais.

CABO VERDE

O Primeiro-Ministro de Cabo Verde, camarada Pedro Pires, considerou frutuosa os resultados da visita do ministro de Educação daquele país a França, onde manteve conversações nos domínios de Educação, Agricultura e Informação. (página 3)

ANGOLA

A jovem República Popular de Angola, depois de expulsar os invasores, mercenários e fantoches internos a soldo do imperialismo, reconstrói a sua economia, com o auxílio dos países amigos, em especial do campo socialista. A R.P.A. foi ontem reconhecida por mais dois países — o Paquistão e a Islândia — e há indícios de que as tropas invasoras sul-africanas estão a retirar da estreita faixa no sul que ainda ocupavam, para lá da fronteira com a Namíbia. Entretanto, um dos militares do Governo português, o major Melo Antunes, apoiou o reconhecimento da R.P.A., por Portugal. (pág. 8)

P. C. U. S.

Foi inaugurado anteontem, em Moscovo, o XXV Congresso do Partido Comunista da União Soviética, com a presença de 5 mil representantes dos comunistas soviéticos e de 103 delegações de partidos irmãos e organizações progressistas do mundo inteiro. Na sessão de abertura, o Secretário-Geral do P.C.U.S., camarada Leonid Brejnev, fez um discurso de cinco horas, no qual abordou a situação interna na União Soviética, bem como a situação internacional. (Pág. 8)

«NÔ PINTCHA» EM BUBA

CONSTRUIR O FUTURO SOBRE AS MARCAS DA GUERRA

«Buba é uma região muito especial, diferente de todas as outras regiões da nossa terra». Não é difícil confirmar estas palavras do camarada Quinto Cabi Na Iana, membro do C.S.L. do Partido e presidente do Comité de Estado da Região de Buba. Basta percorrer a vila que deu o nome à região e que até há pouco tempo lhe servia de capital, até à transferência da sede administrativa para Fulacunda. A deslocação e o abandono estão presentes por todo o lado, como se a vida nesta terra tivesse parado há muito tempo.

Mas é injusto ignorar a vida que fervilha sob esta aparente estagnação. Esta vida encontrava-se latente enquanto o inimigo permanecia na terra e a necessidade de resistência mobilizava todas as energias. Hoje, já pode crescer livremente, em direcção ao futuro. Como em qualquer outra parte do país, as crianças que frequentam as escolas são o sinal mais evidente desse avançar.

Só que em Buba (e esta a particularidade a que se referia o camarada Quinto) não se pode falar de reconstrução nacional. É de construção que se trata ainda. É que nada foi construído, nenhuma base foi lançada, nenhum pilar foi erguido, enquanto os «tugas» administravam a terra. Por isso, a obra é mais difícil e mais urgente.

(Continua na página Central)

Carlos Correia na Alemanha

A fim de estudar as possibilidades de cooperação entre a Guiné-Bissau e a República Federal da Alemanha, partiu na segunda-feira para a capital daquele país o camarada Carlos Correia, membro do C.E.L. do Partido e Comissário de Estado das Finanças, à frente de uma delegação constituída pelos camaradas Filinto Vaz Martins, comissário de Estado da Energia, Indústria e Hidráulica e Leonel Vieira, director-geral da Divisão Europa-América do Comissariado de Estado dos Negócios Estrangeiros.

SAÚDE: ANTES PREVENIR DO QUE REMÉDIAR

Num país como o nosso, em que o nível de higiene é muito baixo, em que a interpretação da doença está ainda enroupada de conceitos mágicos ou metafísicos, a luta contra a doença é combate de várias frentes.

O Comissariado de Estado da

Saúde e Assuntos Sociais compreende dois departamentos de combate à doença. Um, destinado a curar as pessoas doentes, nos hospitais, nos postos sanitários, nos postos de socorro e outro destinado a prevenir a doença, isto é, a adoptar as medidas necessárias

para que as pessoas não adoçam.

Duma maneira geral nos países subdesenvolvidos presta-se muito mais atenção à medicina curativa que à medicina preventiva, pela simples razão de que a pressão do movimento de pessoas doentes é tão grande que o pequeno orçamento que o Estado atribui aos ministérios de Saúde não é suficiente para se ultrapassar o aspecto aparentemente mais prioritário no problema da saúde que é o de curar as pessoas que estão doentes.

Mas, apesar desta evidência é necessário ver-se o problema de outra maneira e ter a coragem de desviar uma parte dos fundos destinados a medicina curativa para os investir nos programas de prevenção das doenças. Com efeito, ao mesmo tempo que se tratam os doentes, é necessário desde já criar as condições que garantam que os indivíduos não venham a engrossar o primeiro grupo. A reforçar essa ideia vem o facto conhecido de todos de que é mais barato prevenir do que remediar. O exemplo clássico deste aforismo popular, é, no nosso meio o do paludismo: a prevenção medicamentosa do paludismo custa a um adulto, um comprimido de 300mg de cloroquina — Nivaquina, Resochine — por semana. Uma crise de paludismo custa no mínimo uma cura de 5 dias exigindo um total de 7 comprimidos, sem contar o facto de o doente faltar ao trabalho, portanto incapaz de produzir, vivendo durante esse período à custa do Estado ou da família. Junta-se a isso os dias de convalescença necessários a seguir a uma crise palúdica e a factura será ainda mais pesada, mais de 800\$00 por pessoa e por crise.

É lógico e urgente portanto que se encarem as medidas de prevenção dum certo número de doenças. Algumas como no caso do paludismo devem ser da responsabilidade de cada um, do chefe de família. Outras exigindo meios específicos estão a cargo do Estado. É neste contexto que se vacinaram 50.000 crianças contra o Sarampo em 1975 e que este ano se deu início à campanha de vacinação maciça contra a Poliomielite ou paralisia infantil.

A novidade em 1976 foi o ter-se aliciado os comités de base do Partido a participarem na campanha. Isso permitiu vacinar muito mais crianças num espaço de tempo relativamente curto, 11.286 crianças em 3 dias.

O processo passou-se da seguinte maneira:

Numa primeira reunião dos responsáveis dos Serviços de Higiene com os responsáveis dos assuntos sociais dos comités do Partido dos bairros de Bissau explicou-se o interesse e a oportunidade da campanha que se ia fazer, o tipo da vacina e a maneira de proceder, ao alcance de um qualquer. A segunda reunião do mesmo tipo teve lugar numa sexta-feira na Sede do Comité de Região com todos os comités de bairro repetindo-se a mesma explicação e onde se pediu que se transmitisse a mensagem aos habitantes de cada bairro quando das reuniões de fim de semana nas sedes dos comités locais do Partido.

Foi assim que a 10, 11 e 12 de Fevereiro corrente, simultaneamente na sede de cada comité, se realizou em Bissau a campanha de vacinação anti-polio. O resultado encorajador está à vista, patenteado no quadro junto. Estão pois de parabéns os comités do Partido dos bairros de Bissau pelo excelente trabalho realizado, o pessoal do Serviço de Higiene e Combate às Grandes Endemias e os elementos da JAAC que colaboraram activamente.

(Continua na página 8)

Quadro estatístico da campanha anti-poliomielítica

Bairro de Achada	34	135	169
Bairro da Ajuda	174	522	696
Bairro de Antula	248	448	696
Bairro de Bandim de Cima	131	499	630
Bairro de Bandim de Baixo	139	650	789
Bairro de Belém	271	1.121	1.392
Bairro de C. Papel	91	387	478
Bairro de Cuntumo	36	212	248
Bairro de Cupelon Cima	115	499	614
Bairro de Cupelon Baixo	130	822	952
Bairro de Gã-Beafada	140	649	789
Bairro de Luanda	45	248	293
Bairro de Mindará	143	571	714
Bairro de Péfina	348	943	1.291
Bairro de Santa Luzia	177	459	636
Bairro 24 de Setembro	55	130	185
Bairro de Sintra e Nema	141	573	714
Total Geral	2.418	8.968	11.286

RESPONDE O POVO

"O que é, para si, o Carnaval?"

O Carnaval, festa de origem pagã que se realiza entre o Natal e a Quarta-Feira de Cinzas, é assinalado em vários países, com particular destaque para o Brasil, como um período de folia, em que as pessoas saem à rua mascaradas, permitindo-se irreverências que noutras ocasiões seriam reprovadas pela sociedade.

Na nossa terra, as comemorações do Entrudo não atingem grandes proporções. No entanto, esta quadra não passa despercebida. E aí estão as máscaras e serpentinas nas montras das lojas, a lembrar que já só faltam alguns dias para a festa, que este ano coincide com o dia 2 de Março. O que é para si o Carnaval?

NORTE ALFREDO GOMES
(tipógrafo)

«O Carnaval é a festa mais bonita que já vi na Guiné. As pessoas, desde as crianças até aos velhos, mascaram-se de várias maneiras, com trajos folclóricos bijagós, mandingas, etc; e até mesmo homens disfarçados de mulheres. Mas também há pessoas, sobretudo rapazes, que aproveitam o Carnaval para mostrar toda a sua brutalidade. Quando têm qualquer problema com um colega ou com uma rapariga, aproveitam-se da máscara para os atacarem à chicota-

das ou «mantapada» e fugirem depois. Ora, isso é a negação desta festa».

PAULINA LOPES CABRAL
(estudante)

«O Carnaval é uma das festas mais emocionantes que ainda temos na nossa terra. Nos anos anteriores, mascarava-me com prazer. Este ano não vou fazê-lo, para evitar os «chutos» que os rapazes costumam dar-nos. Fazem-no por despeito, por não conseguirem o amor de uma menina de quem se enamoraram. Lembrou-me que muitas vezes, quando abusavam demasiado, tinha que intervir a polícia e levar o «engraçado» para esquadra. Assim ninguém consegue divertir-se»...

DOMINGOS DE PINA ARAUJO
(operador de telex)

«Tenciono divertir-me



na festa do Entrudo, mas sem me mascarar. Máscaras, só gosto de ver nos outros. Um dos aspectos negativos do Carnaval é a «porrada» que alguns mascarados dão aos espectadores. É escusado chamar a isso ordinário. Num dia de festa e divertimento, não devemos permitir que haja ao mesmo tempo sorrisos e lágrimas».

DOMINGOS MENDES
(empregado comercial)

«Como não é frequente a realização de manifestações culturais na nossa terra, acho que o Carnaval deve ser aproveitado para exibir a nossa riqueza folclórica, através de danças e exhibições de trajos típicos. O Carnaval só tem piada quando é animado por danças festivas, em que as pessoas de vestem de variadas côres e se mascaram de diversas maneiras».



NO PINTCHA

Orgão do Comissariado de Estado de Informação e Turismo
Trisemanário Nacional de Informação

Sai às Terças, Quintas e Sábados

Preço: 2\$50

Redacção, Administração e Oficinas: Avenida do Brasil

TELEFONES

Redacção: 3713/3728

Administração

e Publicidade: 3726

ASSINATURAS (Via Aérea)

Guiné-Bissau e Cabo Verde

1 ano 400\$00

6 meses 250\$00

Outros Países Africanos

e Portugal

1 ano 500\$00

6 meses 300\$00

Serviços de Distribuição

e Vendas do «NO PINTCHA»

— Caixa Postal, 154

BISSAU — GUINÉ-BISSAU

FARMÁCIAS

HOJE — «HIGIENE» Rua António N.Bana, telefone 2520.

AMANHÃ. — «MODERNA» Rua 12 de Setembro, telefone 2702.

TELEFONES

Hospital Simão Mendes:

Banco — 2866/2867

Bombeiros — 2222

Polícia:

1.ª Esquadra — 3333

2.ª Esquadra — 3444

Correios:

Informações — 2600

Radiodifusão Nacional — 2430

Aeroporto — 3001/4 (TAG-B)

TAP — 3991/3

Serviços Municipalizados:

Água e Electricidade — 2411

(das 7 às 17 horas)

Assistência à rede eléctrica - 2414

(das 16 às 24 horas)

Chegadas e partidas de navios —

2922/5

RÁDIO

EMISSIONES:

Das 6 às 8; das 12 às 15 e das 17 às 24 horas.

NOTICIÁRIOS:

As 7, 13,15, 17, 20 e 21 horas.

AGENDA DO DIA:

As 18,45 horas.

CINEMA

HOJE — As 18,30 horas «O CAPITÃO SEM BARCO» m/10 anos e às 20,45 horas — «EVA A PRIMEIRA PEDRA» m/18 anos.

AMANHÃ — As 20,45 horas «EVA A PRIMEIRA PEDRA» m/18 anos.

Os resultados da visita à França do Ministro da Educação e Cultura

O Primeiro Ministro de Cabo Verde, camarada Pedro Pires, recebeu o ministro da Educação, camarada Carlos Reis, após o seu regresso de França, onde se deslocou à frente de uma delegação governamental que manteve conversações com as autoridades francesas.

O camarada Primeiro Ministro inteirou-se dos resultados da visita oficial, que clas-

Magistério Primário: começaram as aulas

Começaram a funcionar no passado sábado em S. Vicente as aulas do curso do Magistério Primário. A abertura das aulas seguiu-se à inauguração do edifício destinado ao Magistério Primário, o qual foi adquirido com a ajuda da Fundação Gulbenkian.

Estiveram presentes ao acto os camaradas Luís Fonseca, responsável político da Ilha, Augusto Costa, director nacional da Educação, Tito Ramos, substituto do delegado da Administração Interna em exercício, Fátima Dupret Almada, directora do Curso do Magistério Primário e numerosos professores e alunos.

sificou como «frutuosos». As conversações estabelecidas entre a delegação de Cabo Verde e o governo francês abrem boas perspectivas de cooperação entre os dois países, principalmente nos domínios da Educação, Agricultura e Informação.

Recorde-se que o ministro da Educação de Cabo Verde foi recebido, durante a sua permanência em França, pelo presidente da República francesa, Valery Giscard d'Estaing e teve encontros com o ministro francês da Cooperação, Lipkowsky.

DELEGADOS DO GOVERNO

Realizou-se no passado domingo, no anfi-teatro do ex-Centro de Estudos, na cidade da Praia, uma reunião entre os delegados do Governo e o camarada Primeiro Ministro, Pedro Pires, tendo-se tratado de problemas relacionados com as actividades dos referidos delegados.

O camarada Pedro Pires, numa longa exposição, frisou qual deverá ser o papel dos delegados do Governo na materialização a nível regional da política governamental e a necessidade de infor-

mar regularmente o poder central, do que se passa em cada concelho, bem como a importância de os delegados avançarem com propostas concretas para a resolução dos mais variados problemas que possam surgir a nível concelhio.

Depois da exposição do camarada Pedro Pires, intervieram vários delegados do Governo que falaram dos problemas específicos de cada concelho.

Campeonato de futebol da Praia

Realizou-se no passado domingo no Estádio da Varzea, a primeira jornada do Campeonato de Futebol da Praia. Aos dois jogos disputados nesse dia, assistiram o camarada Pedro Pires, Primeiro Ministro da República de Cabo Verde e vários outros membros do Governo.

Registaram-se os seguintes resultados:
Académica 3 — Trava-dores 1
Sporting 3 — Vitória 0



Amílcar Cabral

“Acumular experiência e criar”

«Mas se quisermos empregar essa experiência para a utilizarmos na nossa terra, temos que utilizar as expressões de outras línguas. Ora, se temos uma língua que pode explicar tudo isso, usêmo-la, não faz mal nenhum.»

«Para nós tanto faz usar o português, como o russo, como o francês, como o inglês, desde que nos sirva, como tanto faz usar tractores dos russos, dos ingleses, dos americanos, etc, desde que tomando a independência, nos sirva para lavrar a terra. Porque a língua é um instrumento, mas pode acontecer que tenhamos já uma língua que pode servir e que toda a gente entenda. Então não vamos pôr toda a gente a aprender russo, não vale a pena, tanto mais que temos uma língua que é o crioulo, que é parecida com o português. Se nas nossas escolas ensinamos aos alunos como é que o crioulo vem do português e do africano qualquer pessoa saberá português muito mais depressa. O crioulo prejudica quem aprende português, porque não sabe qual é a ligação que existe entre o português e o crioulo, mas se se conhecer a ligação que há isso facilita aprender o português.»

«Temos que acabar com toda a indiferença da nossa gente em matéria de cultura, com consciência nas nossas decisões, na nossa determinação de fazer as coisas. Já conseguimos combater isso. E devemos evitar que, porque uma coisa é do estrangeiro, já é boa e temos que a aceitar imediatamente. Ou então porque é estrangeiro, não vale nada, vamos recusar. Isso não é cultura, isso é uma mania, é um complexo, seja de inferioridade ou de estupidez. Devemos saber diante das coisas do estrangeiro, aceitar aquilo que é aceitável e recusar o que não presta. Devemos ser capazes de fazer a crítica. E a nossa luta, se repararmos bem, tem sido, numa parte da nossa acção, a aplicação constante do princípio da assimilação crítica, quer dizer, aproveitar dos outros, mas criticando aquilo que pode servir para a nossa terra e aquilo que não pode servir. Acumular experiência e criar.»

«Estes são alguns aspectos da nossa resistência no plano cultural, de que eu queria falar aos camaradas.»

RESISTÊNCIA ARMADA

«Camaradas,

Uma parte do nosso trabalho de ontem e de hoje, foi destinado a pôr a claro o problema da nossa resistência em geral, como resposta à opressão colonial portuguesa, e a definir, embora rapidamente, várias formas de resistência, da nossa luta, sendo cada forma um tipo de resposta a um tipo de opressão portuguesa: política, resposta: resistência política; opressão económica, resposta: resistência económica; opressão cultural, resposta: resistência cultural. Falta-nos falar um bocadinho sobre a resistência armada que é a resposta à opressão armada, à agressão colonialista. Isso claro que os camaradas conhecem em geral, e é mais visível do que os outros tipos de resistência.»

O PAÍS

O Presidente Luiz Cabral chegou à Gâmbia

(Continuação da 1.ª página)

sua visita oficial àquele país, que ontem iniciou e que continuará até sábado.

O Presidente Luiz Cabral chegou ontem de manhã, às 10 e 30, a Banjul, capital da República da Gâmbia, acompanhado de sua esposa, e de uma comitiva constituída pelos camaradas Nino Vieira, membro do Secretariado Permanente do Comité Executivo da Luta, presidente da Assembleia Nacional Popular e Comissário de Estado das Forças Armadas, Victor Saúde Maria, membro do CEL e Comissário dos Negócios Estrangeiros, Samba Lamine Mané, Comissário da Agricultura, e outros dirigentes do nosso Partido e do nosso Estado.

Recebido com honras militares no aeroporto de Yundum, onde o aguardava uma numerosa e importante representação da República da Gâmbia, o camarada Luiz Cabral respondeu aos cumprimentos de boas-vindas do Presidente Dawda Jawara, a convite de quem se deslocou àquele país, enaltecendo as boas relações de amizade existentes entre os dois povos e Estados.

«Depois da longa guerra de libertação imposta pelos colonia-

listas portuguesas ao nosso povo, a vitória que obtivemos e a independência do nosso país abrem, portanto, perspectivas novas às relações entre os nossos dois povos africanos, que esperamos que os nossos Governos sejam capazes de dar formas dinâmicas às suas novas relações, de acordo com os anseios profundos das nossas populações», disse, a certa altura, o Presidente Luiz Cabral, para acrescentar:

«É dentro deste espírito de fraternidade e de procura de quadros dinâmicos de cooperação entre o nosso povo e o povo gambiano irmão, em primeiro lugar, que nós estamos na Gâmbia.»

O camarada Presidente salientou que esta visita constitui, igualmente, uma oportunidade de conhecer as aspirações profundas de um povo africano «tão próximo dos nossos corações».

E, a concluir o seu discurso, afirmou a sua convicção de que esta visita resulte «uma contribuição verdadeira para a unidade da África, tão cara aos nossos povos».

PROGRAMA DA VISITA

O programa de hoje com-

preende a visita a uma fábrica, em Kanifing, um almoço privado e um jantar oferecido pelo Presidente da Gâmbia.

Amanhã de manhã, o camarada Luiz Cabral e sua comitiva efectuarão um cruzeiro no rio Gâmbia e à tarde assistirão a um espectáculo de danças tradicionais. À noite, Luiz Cabral será homenageado com um banquete, seguido de sessão cultural.

No sábado, o camarada Luiz Cabral dará uma conferência de Imprensa no Palácio da Presidência. Após a assinatura de um comunicado conjunto, a comitiva partirá para o aeroporto de Yundum, para regressar a Bissau.

Guiné-Bissau-Portugal

(Continuação da 1.ª página)

E a terminar, disse: «Torna-se evidente que há um litígio que está a surgir, cada vez mais acentuado, entre Portugal e as suas antigas colónias. Perguntamos: a culpa será nossa, da Guiné-Bissau, de Cabo Verde, de Angola, de Moçambique?»

COOPERAÇÃO

INÁCIO SEMEDO:

”Os cooperantes que trabalham entre nós têm demonstrado um espírito militante apesar das dificuldades”



Trabalham neste momento na Guiné-Bissau, ajudando o nosso Povo na reconstrução nacional, um número relativamente elevado de técnicos cooperantes estrangeiros. O seu recenseamento acabou de fazer-se em 31 de Janeiro mas nem todos se inscreveram no Comissariado Principal — Direcção Geral da Cooperação, decorrendo diligências para regularizar todas as situações de modo a não se causarem transtornos aos nossos amigos estrangeiros e aos Comissariados onde trabalham.

Uma vez que o recenseamento anual dos cooperantes deveria estar pronto, pedimos ao camarada Inácio Semedo que nos prestasse algumas informações sobre o seu número, nacionalidades e profissões.

PROFESSORES PORTUGUESES

«Neste momento temos cerca de 120 cooperantes inscritos na Direcção-Geral da Cooperação Internacional — começou por nos dizer o camarada Inácio Semedo, responsável do Departamento. «Mas este número não corresponde à totalidade dos cooperantes pois há médicos e professores dispersos a nível regional cujos dados estatísticos não conseguimos recolher, às vezes por razões simples, como por não haver fotografos no interior.»

A cooperação externa, nesta fase, processa-se em larga escala com os países árabes, a Suécia e o PNUD. Isto em termos económicos, segundo o camarada Inácio Semedo. Em termos humanos há outros países que nos enviaram cooperantes.

Enunciou Inácio Semedo:

«Para cooperarmos com países estrangeiros penso que devemos começar com Portugal, pois de qualquer maneira fomos uma colónia portuguesa e ficámos ligados por muitos laços de amizade. No ano passado pedimos ao Go-

verno Português uma ajuda técnica de 100 professores e 16 médicos. Portugal deu-nos garantias de que nos enviaria esses cooperantes mas acabaram por vir apenas uns 70 professores e sete médicos. Podemos dizer que muitos destes cooperantes portugueses vieram por sua própria iniciativa, nomeadamente os médicos. Esses são verdadeiros amigos do nosso povo que se prestaram a dar a sua contribuição ao nosso Estado às vezes sem nenhuma garantia.»

MÉDICOS DE VÁRIAS NACIONALIDADES

«A cooperação com o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) também se desdobra no plano humano pois a partir da aprovação e financiamento de um projecto vêm técnicos para nos ajudar a aplicar os programas de desenvolvimento. Trabalham neste quadro 16 técnicos de formação superior em vários Comissariados, nomeadamente, Transportes e Comunicações, Correios e Telecomunicações, Saúde e Assuntos Sociais.»

«Trabalham também na Guiné 14 médicos cubanos, que contribuem, sobretudo para a descentralização que pretendemos na assistência médica. Estão dispersos em todas as regiões e o seu trabalho é muito produtivo. Temos também um grupo de médicos soviéticos que já nos tinham dado assistência durante a luta, outros médicos da República Democrática da Alemanha, técnicos de medicina jugoslavos, professores soviéticos que ensinam russo no Liceu e professores de Educação Física cubanos.»

COOPERAÇÃO ABERTA A TODOS OS PAÍSES

Segundo consta dos princípios da cooperação o nosso Estado fornece alojamento gratuito a estes cooperantes. O camarada Inácio Semedo falou-nos das dificuldades encontradas para este efeito:

«De vez em quando procuramos contactar os Comissariados onde estes cooperantes trabalham para lhes darmos o conforto necessário, de modo a adaptarem-se às condições de vida no nosso País, segundo as nossas possibilidades e a nossa realidade. Podemos dizer que os cooperantes que estão a trabalhar connosco têm mostrado um

espírito militante e têm-se adaptado ao nosso País, apesar das dificuldades. As principais dificuldades são de instalação. Temos feito um grande esforço para arranjar alojamentos para os nossos cooperantes. Estamos neste momento a estudar com o Comissariado das Obras Públicas e Urbanismo um projecto de construção de casas para cooperantes.»

— Qual a ligação que existe entre a Direcção de Cooperação da Guiné-Bissau e o Departamento similar de Cabo Verde.

«De facto, não temos tido grandes contactos com a Direcção-Geral da Cooperação de Cabo Verde. No entanto, quando recebemos uma delegação para discutir algum acordo de cooperação, se essa delegação vai também para Cabo Verde, informamos os nossos camaradas dos termos dos acordos assinados, pelo menos nas suas linhas gerais. O contrário também acontece e, por outro lado, às vezes, quando vão assinar cópias de algum acordo que nós já tenhamos antes preparado, pedem-nos cópias para saberem em que condições aceitámos compromissos com outros países.»

O camarada Director-Geral da Cooperação Internacional concluiu as suas informações ao «NÓ PINTCHA» acentuando a diversificação que se procura na cooperação internacional:

«Nós não nos comprometemos a cooperar só com este ou aquele país, ou só com os que nos ajudaram durante a guerra. Estamos prontos a cooperar com todos os países que se mostrem dispostos a trabalhar connosco, na base da igualdade entre estados soberanos. Inclusive, temos tido grandes elogios de alguns países ocidentais, como por exemplo a França e a Inglaterra que foram fiéis aliados de Portugal contra a nossa luta de libertação nacional. Depois de vencermos grandes obstáculos, temos actualmente boas relações com a França que, inclusive, nos mandou uma delegação. Assinámos um acordo, pelo qual a França nos propõe ajuda técnico-científica para desenvolver a Agricultura.»



«Buba é uma região especial». Assim a define o presidente do Comité de Estado

(Continuação da 1.ª página)

Mas há outras particularidades. A mais importante é a extraordinária consciência política da população de Buba. O que admira: foi nesta região que a luta começou, em princípios de 1963, com o ataque à guarnição portuguesa de Tite. é hoje o nome de um dos quatro sectores em que está dividida a região, que conta cerca de 28 mil habitantes. Os outros sectores são Buba, Empada e Fulacunda.

Para os «tugas», Buba era uma circunscrição, cuja capital começou por estar situada em Buba. Mas, à medida que o PAIGC se ia implantando na região, a sede da administração colonial ia subindo: de Buba passou para Fulacunda, daqui para Tite, e estava prestes a ser transferida para Bissau, quando souo o 25 de Abril.

Nessa altura, Buba englobava duas regiões: Quinara e Cubiseco. Exceptuando os aquartelamentos de Empada, Buba, Fulacunda e Tite, a região encontrava-se nas mãos do PAIGC.

Esta situação é importante para compreendermos o espírito desta população de fulas, beafadas, balantas e outras etnias, caracterizado pela abnegação e pela receptividade aos princípios do PAIGC. Não há uma única parcela de terra onde a palavra do Partido não tivesse penetrado. As diferenças entre antigas regiões libertadas e centros urbanos, tão acentuadas noutros pontos do País, encontram-se aqui bastante esbatidas. Mesmo naqueles pontos por onde a guerra não alastrou, era impossível não sentir os efeitos da luta que se travava nas vizinhanças. Ninguém permaneceu indiferente à luta de libertação nacional.

O FRACASSO DE SPÍNOLA

Em Buba, como em tantos outros pontos da nossa terra, não é preciso ser muito velho para recordar o terror dos militares, administradores, patrões e capatazes. Era no tempo em que a repressão ainda não se escondia sob a capa da demagogia paternalista. Violar uma mulher, matar um criado, torturar uma criança, foi, nesta terra, assunto trivial.

Depois, quando o PAIGC mostrou que estava disposto a libertar a Guiné da opressão e da exploração, chegou Spínola. Só que a sua política da «Guiné me-

lhor» não encontrou aberto o coração desta gente do Sul. Não é que os homens de Spínola não tivessem tentado. Por volta de 1970, e após várias tentativas, as tropas portuguesas conseguiram apoderar-se da tabanca de Bissassem, onde tencionavam pôr em prática os métodos demagógicos que, no seu entender, desmobilizariam o povo, acabando por levá-lo a afastar-se do Partido e a propagar a outros o exemplo.

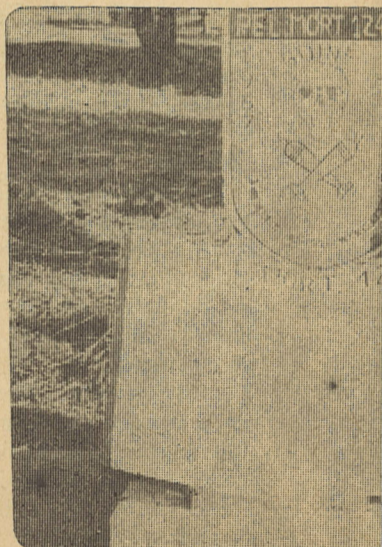
Mas esta pretensão iria sair-lhes cara. Um dia, soldados portugueses encontraram-se em dificuldades quando tentavam atravessar o rio que corre próximo da tabanca. «Solicita», a população correu «em seu auxílio». Essa «ajuda» consistiu em apoderar-se das armas que eles transportavam, para as entregar ao PAIGC.

A partir de então, os «tugas» convenceram-se de que a propaganda da «Guiné-melhor» não encontrava eco nesta zona. E só pela força e pelo terror é que conseguiram manter-se aqui até 1974.

VENCER O ISOLAMENTO

«Nó Pintcha demorou tanto tempo a chegar aqui?!» Pronunciadas pelo responsável regional da Segurança, camarada N'Ghara Yola Nhanta, que foi comandante militar de Quinara em 1964, estas palavras irónicas traduzem a realidade. Buba era a única região do País onde a reportagem do «Nó Pintcha» não tinha ainda chegado, neste seu primeiro ano de vida.

A frase do camarada N'ghare vai de encontro a um dos problemas mais prementes da re-



O cimento que não chegou para o monumento

O "NÓ PINTCHA" NA REGIÃO DE BUBA

CONSTRUIR O FUTURO SOBRE AS MARCAS DA GUERRA

gião de Buba: o seu grande isolamento. Olhando para um mapa do País, temos a ilusão de que Bissau e Buba ficam à distância de um pequeno salto sobre o Atlântico. Só que, por falta de carreiras aéreas, é impossível dar este salto sem nos perdermos no mar. As carreiras marítimas são escassas, irregulares e morosas. Teoricamente, há uma carreira semanal entre Tchudé e Bissau; uma quinzenal entre Empada e Bissau; e uma terceira, mensal, entre Buba e Bissau. Na prática, a sua periodicidade acaba sempre por afastar-se destes limites.

Sinal evidente da insuficiência destas ligações são as disputas que se verificam em Tchudé, nos dias previstos para a saída do barco que vem para Bissau. Frequentemente, os homens da Segurança são obrigados a intervir para evitar que as zaragatas tomem maiores consequências. Acaba sempre por ficar alguém em terra por não ter lugar no barco.

Resta tentar o caminho por terra. Mas as distâncias que é necessário percorrer através de caminhos a que só por generosidade se chama estradas e onde só «jeeps» militares conseguem passar tornam estas viagens praticamente inacessíveis.

O presidente do Comité Regional propôs à Direcção do Partido a construção de uma estrada que ligasse Tite a Catió, passando por Fulacunda e Buba. A abertura deste caminho permitiria solucionar inúmeros problemas regionais e inter-regionais, dos quais o abastecimento não é o menos importante.

A vida da população de Buba é fortemente marcada por este isolamento. Ir de uma tabanca a outra pressupõe longas viagens a pé e através de canoas.

Todas as estradas da região se encontravam fechadas no tempo da luta. Só voltaram a ser abertas depois de o inimigo sair da nossa terra. À sua volta encontram-se inúmeros abrigos e, de vez em quando, os restos de uma «Berliet», em sinal de que a guerra passou por ali, sem contemplos. Quando estas estradas foram reabertas, os horizon-

tes da população alargaram-se. Só então puderam juntar-se às suas famílias que viviam noutras áreas e ter a certeza de algo havia mudado. É o presidente do Comité de Estado da Região quem no-lo diz: «A reabertura das estradas é o único sinal que mostra a nossa população que já é livre e a única modificação na sua vida depois da guerra».

AS LIÇÕES DO PASSADO E DO PRESENTE

A presença do inimigo deixou marcas bem visíveis nesta terra. Mal pisamos o solo de Buba e antes que os nossos olhos tenham tempo de contemplar a beleza das águas do Corubal, somos tocados por um estranho monumento: uma placa em pedra, onde estão inscritos os nomes de militares portugueses tombados por estas zonas. Sobre os nomes, o desenho neo-nazi de uma caveira e as palavras: «E, se mais houvera, lá chegara...»

Esta frase não é uma simples homenagem póstuma a um «herói» cego, inútil, suicida. Ela traduz um propósito, o espírito que foi capaz de manter nesta terra distante e quase inacessível, jovens cuja memória ficara nas aldeias de Portugal. Matar e morrer tornou-se a sua única justificação.

A população de Buba conserva este monumento em sinal de memória vigilante para os mais velhos e de lição para os mais jovens.

Estes jovens frequentam hoje as 50 escolas primárias da região. Ao todo, esta conta 4 708 alunos, incluindo adultos. Como durante a luta, as escolas continuam a funcionar no mato, debaixo das barracas feitas de folhas de árvore, porque são raros os edifícios em cimento deixados pelos «tugas» e os materiais de construção escasseiam.

Dado o elevado grau de politização da população, poderia pensar-se que não subsistia qualquer resistência por parte dos pais ao cumprimento da palavra de ordem do Partido, no sentido de todas as crianças frequentarem a escola. Mas os problemas surgiram quando se tratava de raparigas. «Se a minha filha vai à escola, depois é capaz de não estar de acordo com o casamento que eu lhe arranjei», era a justificação de muitos pais para a recusa de deixarem as meninas estudar ao lado dos irmãos.

O delegado da Educação na região, camarada Paulo Barbosa, conta-nos que foi necessário um trabalho político muito intenso para vencer esta mentalidade. Este camarada entrou para o Partido em 1959, começando por trabalhar na mobilização juntamente com Arafan Mané, Nandigna e Francisco Aleluia Lopes. Em 1963 passou para a guerrilha, como chefe de grupo da base de Malam-Sanha, em Quinara. No ano seguinte, a Di-

recção do Partido nomeou-o comissário político em Quitáfene, junto do comandante Saco Camará. Ainda nesse ano, partiu para a União Soviética, onde tirou um estágio político. Depois do regresso, por motivos de saúde, passou a dedicar-se exclusivamente a problemas de educação e formação da juventude.

O camarada Paulo Barbosa conhece os problemas da região onde trabalha como aos dedos das suas mãos. Actualmente, está em curso o trabalho da unificação das escolas. Algumas antigas escolas situadas nas antigas zonas libertadas serão encerradas, ao mesmo tempo que outras vão ser abertas em pontos mais centrais, acessíveis às crianças de várias tabancas. As pessoas menos esclarecidas reclamam que lhes «tiram as escolas»...

Buba tem, em matéria de educação, os mesmos problemas que encontramos por todo o lado. Só que nesta região, devido ao isolamento, os problemas agudizam-se. As carências são enormes e vão desde a insuficiência de professores com uma boa formação pedagógica, capazes de pôr em prática a nova estrutura organizacional traçada pelo Partido e pelo Governo, até à falta flagrante de materiais escolares. Em Buba, só «por milagre» se encontra um lápis ou um caderno...

Por outro lado, o facto de os professores eventuais ainda não terem recebido vencimentos causa grandes transtornos. Numa região onde praticamente não existe comércio privado, onde as pessoas pudessem meter um vale para levantar géneros, têm os responsáveis dos sectores de encarregar-se da alimentação destes homens e mulheres cuja missão é preparar as crianças para o futuro.

SEGUNDO CELEIRO DO PAÍS

E aqui, vamos direitos aos problemas de abastecimento que se fazem sentir por estas bandas.

As firmas «Gouveia» e «Ultramarina» abandonaram a região muito antes do 25 de Abril. Essa atitude enquadra-se na sua lógica capitalista: tratando-se de empresas que apenas pretendiam tirar, uma vez que não podiam tirar mais nada, resolveram fazer as malas e partir, quando a luta se tornou mais intensa.

O único comércio existente na região está entregue aos Armazéns do Povo. Se, por um lado, esta situação é boa, na medida em que evita toda a especulação, por outro lado é insuficiente, uma vez que os Armazéns do Povo (um em cada sector), não têm capacidade para responder às necessidades da população. Por falta de instalações, os armazéns situam-se nas casernas militares, mas o espaço e as condições deixam muito a desejar.

O que vale é a agricultura de subsistência praticada pela população. Buba é o segundo celeiro do País, depois de Tombali. O ano passado, o Estado distribuiu à região 100 toneladas de sementes de arroz, mancarra e milho. Um técnico agrícola colocado na região orientou a sua distribuição pelo povo. Apesar das consequências dos bombardeamentos (que só não foram piores porque a maior parte das bombas caiu no mato), e apesar das chuvas que inutilizaram algumas

sementeiras, a produção aumentou consideravelmente, o que é um bom incentivo para a população.

Mas é evidente que isto não chega para que a gente de Buba melhore sensivelmente a sua alimentação. Esta peca sobretudo pela falta de carne. Como se sabe, muitas doenças poderiam ser evitadas graças a uma boa alimentação. Não sendo evitadas, resta o recurso à Medicina.

(Continua na pág. 8)

Um longo passado da luta

O camarada que se encontrava à frente dos destinos da Região de Buba tem apenas 27 anos mas conta já um longo passado de luta.

Quinto Cabi Na Iana começou a trabalhar clandestinamente para o Partido em 1962, na região de Baifátá, por intermédio do seu tio Agosto Bidieta Na N'ghasa, que era companheiro de Domingos Ramos. Nesse tempo, o jovem Quinto, que era bom aluno, ajudava os companheiros a escrever os relatórios para a Direcção do Partido.

Até que um dia Domingos Ramos o mandou chamar para a base. O pai de Quinto soube, e, devido a pressões dos régulos-fulas, tudo tentou para evitar que o filho partisse. Mas foi inútil: Quinto já tinha decidido que era preciso lutar contra o inimigo colonialista, pela libertação da nossa terra, não havia oposição que o demovesse. Juntamente com um irmão, fugiu para a tabanca Malafe, no Norte.

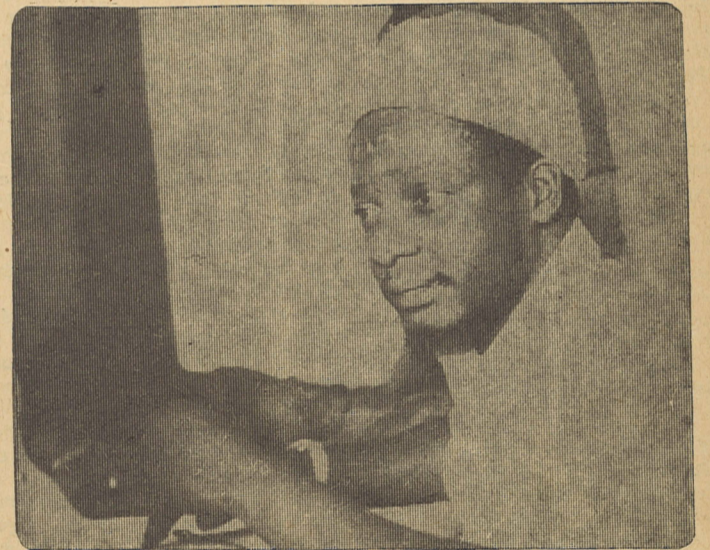
Algum tempo depois, encontrou a madrasta, que lhe comunicou: «O teu pai foi preso com aquele santo bonito de que tu gostavas muito». O «santo bonito» era um retrato de Amílcar Cabral. Quinto tinha-o escondido na pocilga, mas o pai, temendo que estivesse pouco seguro, mudou-o para debaixo do colchão e, quando os «tugas» lá foram revistar a casa, não tiveram qualquer dificuldade em encontrar esta «prova».

Depois disto, Quinto não podia voltar para a sua terra. Uma tia levou-o até Domingos Ramos, que se encontrava na tabanca de Ingassam, nos preparativos para a abertura da Frente Xitol-Baifátá. Durante a viagem adoeceu e teve conhecimento de que toda a sua família fora obrigada a fugir para os matos de Samba-Salaté. Mas ele continuou. Na base, encontrou Cao Sambá e António Cajá. O seu primeiro trabalho foi o de encarregado de armazém de munições, sob a direcção de Bacar Cassamá.

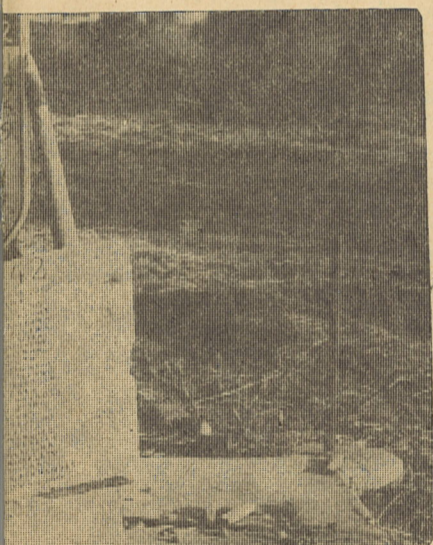
Em 1964 foi enviado como professor para a área Gan Carnés, na mesma Frente. Dois anos depois, partiu para a URSS, onde recebeu formação política. Quinto regressou, foi nomeado responsável do sector de Ingassam.

Em 1969, foi transferido para a Frente Xitol-Baifátá, como responsável da Educação. Ali fundou o primeiro semi-internato do Partido. No ano seguinte, foi-lhe confiada a responsabilidade da Educação em dois sectores: Ganfomosa e S. João. Em 1972, passou para a região de Cubisseco, como responsável pela Saúde e Educação. Um ano depois, foi transferido para a antiga região de Catió (Hoje Tombali), com as mesmas funções.

Quando souo o 25 de Abril, o camarada Quinto era comissário político na Região de Quinara. Após a independência total da nossa terra, foi nomeado presidente do Comité de Estado da Região de Buba. Já tinha sido designado, entretanto, para o Conselho Superior da Luta do Partido.



O camarada Quinto Cabi Na Iana



construir escolas serviu para erguer nos ao fascismo

ANO I DE ORGANIZAÇÃO

PÁGINA SEMANAL DO COMISSARIADO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA



As escolas e o trabalho produtivo

■ A ESCOLA AO CAMPO!

Iniciamos no nosso último número uma série de apontamentos sobre este tema, que as escolas internamente deverão debaterem afim de se criarem as estruturas capazes de pôr em marcha este projecto.

Só uma discussão séria e profunda, desta iniciativa, a nível das escolas, poderá permitir que a totalidade dos seus objectivos possa ser atingida.

Durante os próximos números da nossa página, iremos adjuntando os diferentes aspectos que devemos encarar, para o início desta nova actividade na nossa terra, a fim de que quando avançarmos para o campo, nada nos possa impedir do êxito da nossa missão.

1. OBJECTIVOS GERAIS A ATINGIR

a) A actividade do campo, no nosso país, deverá constituir efectivamente um suporte para a pedagogia revolucionária, num método prático de vincular a teoria com a realidade, o ensino com o trabalho produtivo, um processo eficaz de unir o trabalho intelectual com o normal, o do fortalecimento do intercâmbio entre a cidade e o campo, o de que a escola se identifique na prática com a vida.

b) A actividade no campo, deverá desenvolver-se desde o ensino secundário, a fim de melhorar cada vez mais as experiências pedagógicas que a nossa revolução cultural fôr alcançando, melhorando iniciativas, tornando-se mais eficazes e avançadas.

c) Este programa de actividades deverá oferecer uma real possibilidade de formar o Homem Novo, o Homem Integral e, para isso, será fundamental que se harmonizem cada dia, as tarefas produtivas com o estudo e outras actividades formativas (desportivas, culturais, etc.)

d) Nesse sentido, os alunos deverão criar bens materiais com as suas próprias mãos, realizar trabalho produtivo manual além do intelectual, isto é, deverão aprender a conhecer como se produzem na prática os bens materiais de que o homem necessita adquirir hábitos de trabalhar e, hábitos de estudo levando-se a compreender essas actividades como o mais natural e elementar dever de todo o cidadão.

e) Finalmente, trata-se de lançar as estruturas organizativas da escola de formação integral, na fase de formação dos jovens, anterior à sua entrada em institutos superiores onde se iniciará a sua especialização.

VENCER A BATALHA DE FORMAÇÃO DE QUADROS, GARANTIR OS QUADROS NECESSÁRIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA NOSSA TERRA, É UMA DAS COISAS MAIS IMPORTANTES DA ACÇÃO E DO PROGRAMA DO NOSSO PARTIDO.

AMÍLCAR CABRAL

Noticiário

Actividades escolares

Como complemento das aulas de Formação Militante do 2.º ano do Curso Complementar do Liceu Nacional Kwame N'Krumah, tem vindo a realizar-se encontros com alguns responsáveis do Partido e do Estado.

O camarada Luiz Cabral, Presidente do Conselho de Estado, abordou o tema «O que é que como estudantes vamos fazer agora?» após termos conquistado a libertação total da nossa terra.

O camarada Vasco Cabral além de ter exposto os planos do Comissariado do Desenvolvimento Económico e Planificação, abordou ainda os problemas referentes ao actual diferendo existente entre o nosso país e o Governo Português.

Já intervieram ainda nestes encontros o camarada Pascoal Alves e a equipa de trabalho do professor Paulo Freire, que através de uma passagem de «slides» que conta a história do processo educativo no nosso país, aponta para a necessidade da intensificação do trabalho manual ligado ao trabalho intelectual, na escola do futuro.

ACTIVIDADES PRODUTIVAS

Ainda no âmbito das actividades das aulas de Formação Militante, iniciaram-se esta semana, actividades de trabalho produtivo, para os alunos do 2.º Ano do Curso Complementar, que se têm vindo a realizar nas

Granjias do Estado e, no Comissariado de Justiça num inquérito junto da população.

Para a intensificação, desenvolvimento e alargamento destas actividades a outros estabelecimentos de ensino, chamamos desde já a atenção dos alunos e professores.

ACTIVIDADES CULTURAIS — CINEMA

Amanhã dia 27, realiza-se pelas 18,30 horas no Bloco Circum-Escolar a passagem de uma série de três filmes de longa metragem, levada a efeito pela Secção Desportiva do Liceu Kwame N'Krumah.

A entrada para as sessões será mediante o pagamento simbólico, revertendo os fundos para a compra de material desportivo para as escolas primárias e secundárias da região de Bissau.

O filme de amanhã de título «A Vida de Castelo» é uma engraçadíssima comédia, que nos relata a odisséia de um casal que vive num castelo em ruínas e que a certa altura é ocupado pelas tropas nazis alemãs, durante a 2.ª Grande Guerra.

Um comando aliado que é lançado de pára-quadras na região, com a missão de destruir o castelo com os alemães lá dentro, apaixonou-se pela dona do castelo e vem comprometer a vida do casal...

ALFABETIZAÇÃO

Entender bem o que o nosso Partido quer, o que é que queremos e o que é que nós procuramos; o que é que estamos a fazer, o que é a nossa luta e para onde vamos, é entender que não são os analfabetos que podem fazer uma terra boa. É preciso gente que lê e que escreve.

É preciso perguntar: o que fizeste tu, o que fizemos nós nesta imensa frente de luta, para apagar a herança cultural deixada pelo colonialismo.

A nossa batalha contra o Analfabetismo ainda não começou, não começou a sério. Neste momento apenas se deram os primeiros passos na tentativa de a pouco e pouco reunirmos forças reais capazes de golpear por completo a podridão de 500 anos de dominação e obscurantismo e que hoje podemos traduzir numa percentagem de 90% de analfabetismo.

«Criar cursos para ensinar a ler e a escrever», procuramos o método mais adequado à nossa realidade e avançar com ele, foi esse o nosso primeiro ponto de partida.

O método de Paulo Freire, caracterizado por um conteúdo de diálogo, de comunicação de uma nova relação humana entre educador e educando, criando na base da consciencialização política está já a ser utilizado por cerca de 250 mo-

nitores de Alfabetização, espalhados por todo o País.

A Campanha-Piloto das FARP, já lançada pelo nosso Partido, no mês de Março do ano passado, responde neste momento àquela palavra de ordem do nosso líder Amílcar Cabral: «Gente como nós, nunca pode parar de aprender, cada dia mais», e responderá em breve à liquidação total do analfabetismo das nossas Forças Armadas.

Vanguarda de uma futura Campanha Nacional de Alfabetização, esta Campanha-Piloto lançará então novos braços a todos os sectores da População, e, conjuntamente em colaboração total com organizações de massas e o povo em geral, daremos, alfabetizando todos, o passo mais sólido e importante para o avanço de uma verdadeira Reconstrução Nacional.

«Nós não podemos fazer a Alfabetização de adultos em grande escala só quando tomarmos a nossa terra completamente. Então iremos todos alfabetizar juntos, até eu mesmo. Entretanto, quem quiser ajudar de facto nisso, cada um que sabe mais deve ensinar aqueles que sabem menos. Se fizermos isso, camaradas, podemos avançar muito».

(Amílcar Cabral)

CONTOS E LENDAS DA NOSSA TERRA

“ALLAH BATU”

As aves de rapina de maior voracidade e rapidez de voo, resolveram certo dia reunir-se em lugar frequentado pela caça da sua predilecção a fim de cada um mostrar as suas habilidades venatórias. Juntaram-se as três espécies de milhafre, a «côté duá», uma ave de rapina que tem popa e é dotada de grande força (chamada também a falsa águia) e outras de menor categoria. O resto da passerada, de envergadura sem possibilidades de competição, apareceu como assistente. Numa árvore um pouco afastada, estava poisado um velho djugudé, com as suas penas eriçadas, observando o que se passava.

Cada uma das aves fez as suas habilidades apanhando uma ou outra peça de caça. Nisto, o milhafre pequeno (da espécie pe-neireiro) cinzento claro, de grande golpe de vista e rapidez de voo, avista o djugudé. Voou até ao local e interrogou o djugudé sobre o motivo porque não entrara na competição.

O djugudé respondeu-lhe que as suas asas não davam para tanto, além de que ele só estava à «espera de Deus» (Allah batu). O milhafre com ar de troça, respondeu-lhe:

— Então terás de ficar aí eternamente até morreres de fome. O djugudé com toda a sua calma, torna-lhe a dizer que mesmo assim ficaria à «espera do Allah» e que se lembrasse que não se mata para comer porque não se deve eliminar o próximo, Allah é que se encarregará de matar uns, para benefício de outros.

O milhafre retira-se para apanhar mais peças de caça, e ao levantar voo, avista uma pequena rola poisada no alto de uma árvore meio seca que ali estava.

Faz os seus rodeios, paira e cai sobre a rola. Esta porém, num momento de sorte, dá pela sombra do milhafre e desvia-se. A velocidade que o caçador trazia era tal que ficou espetado num pequeno galho seco, sangrando e quase a morrer.

O djugudé, que à distância presenciara a cena, voa com toda a sua calma e vem poisar ao lado do milhafre. Este, espantado, mal o vê, conjectura a sorte que o espera. Dirige-se ao djugudé e pergunta-lhe:

— Então, djugudé, estás na disposição de me comer?

O abutre mantendo a sua calma, respondeu-lhe:

— Não, Allah batu!

Cartas dos leitores

Vigilância e nô pintcha!

De entre as cartas e trabalhos recebidos, damos hoje destaque a uma de um camarada assinante do nosso jornal e que se encontra a estudar em Portugal.

O reduzido espaço de que dispomos não nos permite publicar mais do que um trabalho em cada um dos números da nossa página e mesmo algumas só serão publicadas nos seus aspectos mais significativos, como é o caso de hoje.

«Num país recém-independente politicamente como a Guiné-Bissau, a educação tem um papel preponderante na consciencialização de todos e na adopção de uma linha revolucionária engajada nas massas populares.

Assim, a ideia de que à custa de impostos (que todo o povo paga) uma minoria irá estudar, é errada, sob o ponto de vista revolucionário.

Há exemplos (africanos) em que a escola quando pretendia a formação de quadros para o desenvolvimento nacional afastou o verdadeiro interesse da cultura, pois em vez de os

alunos compreenderem melhor a altura africana se afastavam cada vez mais dela a ponto de a desprezarem.

[...] O participar na produção colectiva é bastante positivo e, o exemplo deve começar pelo próprio professor. O contacto com o trabalho não só inspira os estudantes como lhes dá uma ideia bastante precisa do esforço que é necessário fazer para se construir um país, desenvolvê-lo, enveredar no caminho do progresso, para que a independência económica seja uma realidade.

As críticas são sempre necessárias quando são apresentadas numa plataforma construtiva e não tentando destruir tudo sob um ponto de vista demagógico.

[...] A confiança revolucionária é neste momento imprescindível para podermos fazer alguma coisa.

[...] É preciso estarmos sempre prontos a fazer auto-críticas rigorosas e pensar sempre no colectivo e não individualmente.

Vigilância e NÔ PINTCHA!»

CARLOS PINTO LOPES



José Eduardo na OUA

«Estamos aqui de cabeça erguida»

ADDIS-ABEBA (AFP) — O ministro dos Negócios Estrangeiros da República Popular de Angola, Eduardo dos Santos, convidou na passada segunda-feira os países da O.U.A. a tomar medidas para fazer cessar as hostilidades desencadeadas, segundo ele, pelo Zaire contra o Governo de Luanda.

O ministro fez esta declaração no decorrer da sessão inaugural da 26.ª Conferência Ministerial da Organização da Unidade Africana a que assiste pela primeira vez uma delegação da República Popular de Angola, recentemente admitida no seio da OUA. Eduardo dos Santos acusou o Zaire de ter mobilizado os seus recursos económicos, militares e políticos a fim de sufocar a economia angolana.

«A nossa admissão no seio da OUA, disse ainda ele, é o fruto do nosso sacrifício. Nós somos desta Organização, sublinhou, devido à nossa determinação e estamos aqui de cabeça erguida». O ministro dos Negócios Estrangeiros acusou as outras duas organizações angolanas, a «Frente Nacional de Libertação» (FNLA) e a «União Nacional para a Independência Total de Angola» (UNITA), de serem «testas de ferro do imperialismo».

Agostinho Neto:

«Falhanço total do imperialismo para impedir a revolução em Angola»

«Nas suas relações com Angola, nunca a União Soviética utilizou pressões, em qualquer instante ou domínio», afirmou o camarada Agostinho Neto, Presidente da República Popular de Angola e Presidente do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), numa entrevista concedida ao correspondente do «Izvestia».

«A situação política que existe actualmente na República Popular de Angola, disse, prova o falhanço total dos planos do imperialismo internacional visando impedir a Revolução libertadora no nosso país.»

«As Forças Armadas da RPA, após terem libertado territórios da República, dos intervencionistas racistas do sul e dos inimigos internos, prosseguem o seu avanço sobre a frente sul. Os esforços penosos que foram feitos durante quinze anos de luta pela libertação nacional, não foram inúteis.»

«É essencial, disse Agostinho Neto, que a nossa luta tem sido apoiada por todas as forças progressistas do mundo. Desde o início que a frente unida das forças anti-imperialistas de Angola foram apoiadas, sem restrições pela União Soviética. No momento das vitórias e no momento das derrotas amargas, sentimos constantemente o apoio político e material dos países da comunidade socialista.»

«Quando a reacção internacional lançou contra a República Popular de Angola o exército regular da RSA, mercenários e fascistas de toda a qualidade, a União Soviética prestou-nos uma ajuda eficaz. O seu auxílio contribuiu para consolidar o nosso jovem estado.»

«Graças a ela pudemos resistir à agressão imperialista e libertar a maior parte do território angolano. Esta ajuda fraternal foi fornecida sem nenhuma condição.»

«É surpreendente ouvir as acusações das potências imperialistas em relação à União Soviética, que teria pretensões «interesses particulares» em Angola. Temos a sublinhar que nunca, em qualquer dos domínios da nossa actividade — quer se coloque a nível de Partido, do estado ou da diplomacia — a URSS usou de pressão. O povo angolano crê nos laços sólidos e desinteressados que nos ligam à União Soviética e que estão cimentados pela luta comum contra o imperialismo.»

«Na República Popular de Angola aprecia-se altamente as posições internacionalistas dos dirigentes do PCUS e do governo soviético, que nos mostram compreensão, no que diz respeito aos objectivos da nossa luta, e solidariedade total com as forças progressistas da RPA.»

PRESIDENTE BOUMEDIENE:

«O povo sahariano tem o direito de ser consultado»

ARGEL (AFP) — O Presidente Houari Boumediene reafirmou na terça-feira em Argel, que a Argélia estava a favor da auto-determinação do Sahara Ocidental. «O povo sahariano, disse, tem o direito de ser consultado. Ele, não quer ser marroquino, nem mauritaniano, nem mesmo argelino.»

O Chefe de Estado argelino dirigia-se a vários milhares de sindicalistas argelinos e estrangeiros, por ocasião do 20.º aniversário da União Geral dos Trabalhadores Argelinos.

Boumediene declarou, além

disso, a propósito dos incidentes armados entre a Argélia e o Marrocos, em Amgala, em Janeiro último, que a atitude da Argélia não devia ser considerada como um «sinal de fraqueza. Tentámos mais uma vez evitar um combate generalizado», acrescentou.

O Chefe de Estado argelino afirmou que «a política do facto consumado não triunfará no Sahara Ocidental» e denunciou o acordo tripartido de Madrid que, disse, «visa interesses bem precisos».

Segundo o Chefe de Estado, a

operação no Sahara Ocidental tem como objectivo «atingir a Revolução argelina».

Boumediene lançou, em conclusão, um apelo ao povo marroquino, declarando que «a Argélia está pronta a cooperar com todos os povos da região que querem cooperar com ela».

O Presidente insurgiu-se no seu discurso, contra os atentados perpetrados recentemente contra os representantes argelinos em França.

«Se há uma deterioração nas relações franco-argelinas, disse, não é culpa da Argélia».

O Presidente argelino sublinhou, por outro lado, que o saldo das trocas comerciais entre a Argélia e a França, tinha-se agravado nestes últimos meses, em proveito da França.

Insistiu igualmente na responsabilidade do Governo francês, no que diz respeito à segurança dos argelinos que vivem em França e das representações argelinas. «Não toleramos mais atentados», declarou Boumediene, que afirmou, além disso, que os franceses residentes na Argélia «são e serão respeitados».

Vietname: eleições a 25 de Abril

HONG-KONG (AFP) — Eleições gerais realizar-se-ão no Vietname do Norte e do Sul no dia 25 de Abril, anunciou Nguyen Huu Tho, Presidente do Conselho Consultivo do Governo Provisório, durante a primeira sessão plenária do Conselho Eleitoral Nacional que se reuniu em Saigão. A agência de Imprensa norte-vietnamita, captada em Hong-Kong precisou que na sessão participaram 11 delegados do Norte e 11 do Sul e que teve lugar nos dias 21 e 22 de Fevereiro em Saigão. Os delegados aprovaram por unanimidade as nomeações de Truong Chinh, Presidente da Assembleia Nacional do Norte, e Pham Hung, representante da Frente Nacional de Libertação do Sul, como Presidente e Vice-Presidente do Conselho Eleitoral.

Nos termos da lei eleitoral adoptada, precisa ainda a agência de Imprensa norte-vietnamita, as circunstâncias eleitorais terão cada uma, uma centena de milhares de habitantes e serão representados por um deputado na nova Assembleia única.

Escândalo em Itália

ROMA (TASS) — O escândalo provocado pelas revelações relativas à multinacional americana «Lockheed» ganha amplitude, em Itália. A companhia dava «luvas» a altos funcionários italianos para facilitar a venda dos seus aviões «Hercules» e «F-104 Starfighter».

As autoridades judiciais italianas deram ordem de prisão a Camillo Crociani, presidente da companhia «Finmeccanica», acusado de corrupção. Enquanto o Crociani desaparecia, o mesmo tipo de acusação foi feito contra o seu advogado e ao administrador da firma «Comel», que se ocupava da venda de equipamento electrónico.

Angola: reconstruir a economia

LUANDA (TASS) — O Governo da República Popular de Angola, ao mesmo tempo que derrota os bandos de intervencionistas e seus fantoches, toma simultaneamente medidas para restabelecer a economia que sofreu um grande prejuízo a seguir às operações militares. Graças à ajuda do Estado e ao entusiasmo das massas, as empresas industriais recomeçaram o seu funcionamento, grandes fazendas reorganizam-se, pontes são erguidas e reparadas as auto-estradas.

Começaram a funcionar nas regiões rurais as primeiras cooperativas de produção. As auto-estradas dão uma particular im-

portância ao abastecimento da população em víveres e em produtos de primeira necessidade.

A cooperação económica e as trocas da jovem nação com os países da comunidade socialista contribuem para os sucessos da edificação pacífica. Actualmente vêem-se barcos da URSS e de outros países socialistas acostados nos cais dos portos da capital. As suas caixas contêm equipamento industrial, de mecânica agrícola, automóveis e medicamentos.

A União Soviética goza, entre os angolanos, a reputação de um amigo fiel, sempre pronto a auxiliar. «No momento em que se realiza o 25.º Congresso do PCUS, quero exprimir a minha imensa gratidão às forças da paz e do progresso, em primeiro lugar aos soviéticos, pela ajuda ao povo angolano», disse Agostinho Neto, Presidente da RPA, durante uma sua recente intervenção.

SWAPO CONTA COM APOIO DA O.U.A.

ADDIS-ABEBA (TASS) — Os patriotas da Namíbia guiados pela SWAPO (organização do povo do sudoeste africano) lutam pela liberdade e a independência do seu país, contra os ocupantes sul-africanos. Eles podem contar com o pleno apoio da OUA. William Eteki Mbumua, Secretário-Geral desta organização declarou-o em Addis-Abeba, perante o Conselho de Ministros da OUA.

Ele sublinhou que as vitórias conseguidas pelo povo angolano sobre as forças do imperialismo e da reacção interna, oferecem novas possibilidades ao movimento de libertação nacional no sul do continente africano.

O CAMPO SOCIALISTA COM OS PATRIOTAS AFRICANOS

NAIROBI (TASS) — «Os países africanos estão reconhecidos à URSS e aos outros países socialistas pela ajuda concedida na sua luta contra o colonialismo e o racismo no sul do continente», declarou Julius Nyerere, Presidente da Tanzânia, numa entrevista concedida ao semanário «Weekly Review».

O Presidente sublinhou que os países socialistas estiveram sempre ao lado dos verdadeiros patriotas, dirigidos pelo MPLA em Angola, pela FRELIMO em Moçambique e pelo PAIGC na Guiné-Bissau, enquanto que o «mundo livre» não prestou nenhuma ajuda aos povos africanos na sua luta pela liberdade e a independência.

MAIS PETRÓLEO NO KOWEIT

KOWEIT (AFP) — «Istensos jazigos de petróleo e de gás foram descobertos recentemente no Koweit», indicou Abdel Mouttalar Al Kazimi, ministro koweitiano do petróleo, nas declarações publicadas na segunda-feira pelo quotidiano «Al Kabas».

«Estas descobertas poderão multiplicar por três a cifra das reservas provenientes do petróleo e prolongar a era do petróleo no Koweit até mais de duzentos anos», acrescentou o ministro.

LAOS CORTA RELAÇÕES COM ISRAEL

VIENCIENA (TASS) — O Governo da República Democrática e Popular do Laos decidiu cortar relações diplomáticas com Israel. Um comunicado oficial publicado na passada segunda-feira indica que a razão desta decisão é a violação sistemática por Israel das resoluções das Nações Unidas sobre o Médio Oriente. O comunicado confirma o apoio do Laos ao povo árabe da Palestina.

GOVERNO AMERICANO PATROCINA EXPERIÊNCIAS EM COBAIAS HUMANAS

WASHINGTON (AFP) — Injecções de plutónio radioactivo foram administradas a 18 cobaias humanas, nos Estados Unidos. A experiência na maior parte delas, foi feita por cientistas trabalhando por conta do Governo americano, de 1945 e 1947.

A administração para a pesquisa e o desenvolvimento da energia (ERDA) confirmou no sábado passado que estas experiências se realizaram, há uns trinta anos, como o revelou recentemente a publicação científica (Science Trends).

OCIDENTE COLABORA COM O «APARTHEID»

NAIROBI (AFP) — O comissário das Nações Unidas para a Namíbia, Sean McBride, acusou na terça-feira, o mundo ocidental de «cumplicidade» e de «hipocrisia» na sua política, em relação à Namíbia.

McBride, que se dirigia à 9.ª sessão da Assembleia Mundial da Juventude, aberta na segunda-feira em Nairobi, declarou que o mundo ocidental colabora com o regime de «apartheid» da África do Sul, para explorar o povo da Namíbia e tirar proveito dos recursos naturais deste país.

KISSINGER VOLTOU À AMÉRICA LATINA

WASHINGTON (AFP) — Henry Kissinger chegou na terça-feira à tarde a Washington, depois de uma viagem de nove dias à América Latina, onde visitou sucessivamente a Venezuela, o Perú, o Brasil, a Costa Rica e a Guatemala.

O principal resultado concreto desta viagem, um exercício de relações públicas destinadas a estreitar os laços um pouco tensos, entre os dois hemisférios, foi o estabelecimento de relações privilegiadas entre Washington e Brasília, que consagram o Brasil como a principal potência pró-americana da América Latina.

Brejev ao Congresso do P.C.U.S.:

«CONTINUAREMOS A DAR APOIO AOS POVOS EM LUTA PELA LIBERDADE»

MOSCOVO (TASS) — O Congresso do PCUS (Partido Comunista da União Soviética) começou os seus trabalhos na manhã de terça-feira, 24, na capital soviética.

Cinco mil delegados, representando 15 milhões de comunistas soviéticos, reuniram-se no Palácio dos Congressos, situado no Kremlin. Foram eleitas, segundo os estatutos, por escrutínio secreto, pelas conferências regionais e territoriais do Partido e pelos Congressos dos Partidos Comunistas das Repúblicas Soviéticas. Os melhores representantes da classe operária, intelectuais e artistas, os veteranos da Revolução, militares do Exército e da Marinha soviética figuram entre os delegados.

Mandatado pelo Comité Central, Leonid Brejnev, Secretário-Geral do PCUS, abriu o XXV Congresso. O discurso inaugural foi proferido por Mikhail Susslov, membro do Bureau Político e Secretário do Comité Central. Ele próprio apresentou as 103 delegações, entre as quais se contam membros dos Partidos Comunistas, operários, democráticos e socialistas de 96 países.

O primeiro número da ordem

do dia: «Relatório do Comité Central do Partido Comunista e as tarefas actuais do Partido em política interna e externa», foi apresentado por Leonid Brejnev, Secretário-Geral do PCUS, durante cinco horas.

BREJNEV SAÚDA A VITÓRIA DO POVO ANGOLANO

MOSCOVO (TASS) — Leonid Brejnev, Secretário-Geral do CC do PCUS, saudou, do alto da tribuna do 25.º Congresso do PCUS, a vitória conseguida pelo povo angolano.

«Logo nascido, este Estado progressista foi objecto de uma intervenção estrangeira. É essa a obra do imperialismo e dos racistas sul-africanos, esses inimigos jurados da África independente e também daqueles que aceitaram desempenhar um papel pouco brilhante de cúmplices», declarou anteontem Leonid Brejnev, ao apresentar o seu relatório perante os congressistas. O «leader» do PCUS confirmou:

«O combate de Angola para defender a sua independência também encontrou o apoio das

forças do progresso no mundo inteiro e o sucesso deste combate confirmou, uma vez mais, que ninguém tem o direito de quebrar a vontade de liberdade dos povos».

«A atitude da União Soviética face aos processos complexos em curso nos países em vias de desenvolvimento é claro e nítido: a União Soviética não se imiscui nos assuntos internos de outros países e povos».

«O respeito do direito sagrado de cada povo, de cada país de escolher a sua própria via é um princípio da política externa leninista. Não escondemos portanto as nossas ideias. Nos países em via de desenvolvimento,

como em toda a parte, nós estamos do lado das forças do progresso, da democracia e da independência nacional e comportamo-nos com eles como amigos e camaradas de luta».

«O nosso Partido dá e continuará a dar o seu apoio aos povos em luta pela liberdade. Procedendo assim, a URSS não procura nenhuma vantagem, não faz caça às concessões, não procura impôr a sua dominação política, nem obter bases militares», declarou o Secretário-Geral do CC do PCUS ao apresentar o relatório do CC do PCUS, «Tarefas actuais do partido na política interna e externa».

BUBA: CONSTRUIR O FUTURO

(Continuação das centrais)

E aqui vamos desembocar noutra das grandes carências da região de Buba: a falta de estabelecimentos e técnicos de saúde. Os 28 mil habitantes da região não dispõem dos serviços de um único médico e apenas contam com dois assistentes médicos: um em Buba e outro em Tite. O número de postos sanitários para todas as tabancas dos quatro sectores anda à volta dos treze. E os medicamentos, como é evidente, têm bastantes dificuldades em chegar a esta terra «perdida» no Sul do País...

COM OS OLHOS SECOS

Quais são, então, os projectos de desenvolvimento desta região, cuja concretização poderia pôr termo às condições precárias em que vivem as suas populações?

Quando fazemos esta pergunta ao camarada Quinto Cabi Nalana, este conta-nos uma história:

«Quando aqui cheguei, encontrei um plano de urbanização, elaborado pelo tenente-coronel Almeida Mira, que era comandante de batalhão em Buba. Era uma coisa muito bem feita, mas completamente impossível de concretizar. Em suma, a única coisa aproveitável que os «tugas» cá deixaram foram as trincheiras...».

Adelino Nunes Correia na R.D.A.

Partiu na terça-feira passada para a República Democrática Alemã o camarada Adelino Nunes Correia, Comissário de Estado da Juventude e Desportos, acompanhado do camarada Zeca Reis, da Secção Desportiva do mesmo Comissariado. A delegação tem por missão estabelecer contactos com a Juventude da RDA, para o estreitamento dos laços de amizade com a nossa juventude, e obter a concessão de bolsas de estudo, técnicos e

materiais desportivos para o desenvolvimento do nosso desporto.

A apresentar cumprimentos de despedida, estiveram no Aeroporto Internacional de Bissau, os camaradas Augusto Pereira da Graça (Neco), secretário-geral do Comissariado da Juventude e Desportos e Joaquim Mumini Embaló, chefe da Secção de Formação de Quadros da Secção de Estudantes do Partido.

SAÚDE

(Continuação na página 2)

Esta experiência mostra a evidência, o papel importante que os comités de base do Partido podem desempenhar no interesse das massas populares, confirmando aliás uma certeza adquirida em circunstâncias muito mais difíceis, durante a Luta de Libertação Nacional. É necessário pois que se dê a importância devida a esse órgão essencial do PAIGC.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

PAQUISTÃO RECONHECE A R.P.A.

ISLAMABAD (TASS) — O governo paquistanês reconheceu a República Popular de Angola, anunciou o ministério paquistanês da Defesa e dos Negócios Estrangeiros.

NIXON EM PEQUIM

PEQUIM (AFP) — Richard Nixon terminou as suas conversações políticas em Pequim, e consagrará o resto da sua viagem na China ao turismo e a visitar centros de interesse.

Soube-se de fonte chinesa autorizada que as conversações de Nixon na passada terça-feira à tarde com Hua Kuo Feng, Primeiro-Ministro interino da China, eram as últimas previstas no programa do antigo presidente.

FRANÇA: EMBAIXADOR DA GUINÉ ENTREGA CREDENCIAIS

PARIS (AFP) — Seydou Keita, embaixador da República da Guiné em França, exprimiu ao apresentar as suas cartas credenciais ao Presidente da República, «a vontade sincera do governo guineense e do Presidente Sekou Touré de promover novas e sólidas relações de cooperação» entre seu país e a França, «fundamentadas na confiança recíproca e no respeito absoluto das opções políticas» dos dois países.

LEVANTADO NA NIGÉRIA O RECOLHER OBRIGATÓRIO

LAGOS (TASS) — O recolher obrigatório foi levantado em todo o território da Nigéria, com excepção da capital da República. Foi reduzido em Lagos para 4 horas, anunciou o porta-voz do governo.

MORTO MANIFESTANTE EM ESPANHA

ELDAZ (ALICANTE) (AFP) — Um manifestante foi morto em Eldaz, perto de Alicante, durante um confronto que opôs polícias e grevistas da indústria local de pele, soube-se de fonte bem informada.

LINHA FÉRREA DE BENGUELA VAI REABRIR

LONDRES (A.F.P.) — O caminho de ferro de Benguela, que liga a Zâmbia e o Zaire à costa atlântica, através de Angola, retomará o funcionamento no território angolano, à medida que se efectuarem as reparações da via, soube-se nos meios bem informados em Londres.

REFÉNS LIBERTADOS

BEIRUTE (AFP) — Dois diplomatas americanos, Charles Gallagher e Williams Dikes, que tinham sido raptados em Outubro passado em Beirute, foram libertados, segundo informou o chefe do Partido Socialista Progressista.